

Memórias revisitadas: narrativas enquanto patrimônio imaterial

Naiara Souza da Silva*

Considerações iniciais

A presente proposta¹ teórico-analítica representa um ponto de partida no atual momento de minha jornada acadêmica e profissional, que recupera um arquivo de pesquisa construído durante a escrita da Tese de Doutorado intitulada *Futebol e Ideologia: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel*, defendida no ano de 2019, na Universidade Federal de Pelotas. Isso porque volto o meu olhar ao arquivo para estudar sobre memória, com o interesse de contribuir teoricamente com a Teoria Materialista da Análise de Discurso (AD), cujo precursor é Michel Pêcheux (1969 [2010]), a qual me filio para desenvolver minhas reflexões.

Principalmente, quero dar ênfase no estatuto da memória afetiva, sobre memórias que constituem, de acordo com o que estou propondo pensar, o patrimônio imaterial da cidade de Pelotas. É nesse viés, que este texto faz parte do livro e-book *Patrimônio Cultural e Memória nas Fronteiras*, na medida em que mobiliza conceitos como patrimônio e memória, relacionando-os com os funcionamentos de identificação, pertencimento, reconhecimento que se estabelecem na relação entre o eu/outro num espaço comum e se materializam no/pelo corpo, demarcando fronteiras sociais simbólicas.

Precisamente, na tese, trabalhei com o futebol pelotense, em especial, com os dois clubes predominantes que compõem o clássico Bra-Pel, nominados *Grêmio Esportivo Brasil e Esporte Clube Pelotas*. Naquele momento, construí um arquivo de entrevistas semiestruturadas (50-60) realizadas com torcedores tatuados, homens e mulheres, a respeito da sua relação com seu time de preferência e, também, da sua relação com o outro, o time adversário. Como apoio, tínhamos um roteiro de pontos principais a serem abordados, mas, cada torcedor pode utilizar o tempo que entendesse

* Doutora em Letras. Professora Substituta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul.

E-mail: naiaraa_souza@hotmail.com

¹ Um texto sobre essa narrativa foi publicado na *Revista Dia do Patrimônio – Pelotas/RS*, 2021 (SILVA, 2021).

conveniente para se expressar, acrescentando aos pontos iniciais o que julgasse pertinente diante da sua história de torcedor.

Considero, então, diante do meu arquivo, utilizando-me do mesmo entendimento de Éder (2010) quando escreveu um livro sobre o clássico Bra-Pel, que estamos remexendo em um baú riquíssimo. O autor, em suas palavras salienta que “[...] a partir da chegada da primeira bola à cidade, começaram a ser escritas páginas de uma história que tem incontáveis cenas” (ÉDER, 2010, p. 07). É esse baú de lembranças que pretendo retomar nessa fase da minha carreira, justamente, para contemplar as narrativas que constroem e formam a memória social, que reforçam e sinalizam sentimentos de orgulho e de pertencimento, de laços afetivos com a própria cidade. Uma memória revisitada, a meu entender, cuja dimensão subjetiva mantém viva e efervescente as fiéis torcidas, e constitui o que eu entendo como patrimônio imaterial.

Memórias revisitadas

[O futebol em Pelotas] “antes de ser um esporte, é uma paixão” (SCHLEE, 1984, p. 09).

Quantos acontecimentos, quantas histórias e quantas pessoas podem ser lembradas nesses tantos anos de existência da Princesa do Sul? Paisagens, lugares, amores, afetos e desafetos, alegrias e, também, tristezas. São inúmeras memórias que podem ser revisitadas, com certeza.

E dentre tantos modos de ser e de (con)viver em sociedade que nos é permitido aqui nessa terra, quero tratar, em especial, de algo muito forte ao pelotense: o nosso futebol. Isto porque esse esporte une sujeitos torcedores que, com orgulho, fidelidade e com paixão, vivem o futebol e constroem relações que configuram o próprio espaço público. Além de se tratar de uma das mais importantes manifestações culturais que a cidade produz enquanto um espaço dotado de sentidos.

O futebol é significativo para a nossa cidade porque ele expressa a identidade pelotense. Trata-se, sobretudo, de uma riqueza simbólica na medida em que o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo. Metaforicamente, proponho pensar que o tempo rola como a bola numa partida, sem parar, e a arquibancada participa do jogo, assim como os sujeitos são ativos na sua trajetória.

Todos nós participamos no jogo da vida. Em síntese, podemos dizer que a gente ganha, empata ou perde, e qualquer uma das hipóteses estará sempre prevista. Essa é a beleza da vida e do jogo, pois, contamos com a emoção. Aliás, a intensidade emocional

é parte fundamental. Muitas partidas e muitas situações terminam empatadas, mas, às vezes, basta fazermos um gol que tudo se revolve, só que é preciso estar resolvido a fazê-lo.

Vivendo, torcendo e/ou jogando construímos histórias e reunimos memórias num espaço (com)partilhado com o outro. Portanto, conforme escreve Arantes (2000, p 13), o espaço importa

[...] para se compreender adequadamente o modo como se estrutura a vida social, as identidades e o sentimento de participar de uma nação [...]. Importam as práticas por meio das quais estruturas físicas são transformadas em balizas de territorialidades, ainda que efêmeras, em marcos de lugar ou de vida social ressingularizada. É fundamental saber de que modo esses constructos identificadores, que ocupam posição de destaque na paisagem e no mercado de bens materiais e simbólicos, participam reflexivamente dos processos sociais.

A formação de territorialidades no espaço público, de acordo com o autor, acontece diante de processos formadores de fronteiras simbólicas, com seu grau de permeabilidade e fluidez, com suas referências no tempo e no espaço, com sua relação com a formação da paisagem urbana e com a criação de marcos culturais.

Aqui, considerando o espaço e o tempo em que torcedores significam a partir da língua e do corpo, podemos observar que se instaura uma fronteira simbólica, na medida em que o sujeito se identifica a um time e se distancia do outro, do time adversário, por meio dos funcionamentos de identificação, de reconhecimento social, de pertencimento, ainda que, ao mesmo tempo, se tenha a tensão com o diferente. Arantes (2000, p. 106), também aponta que:

Somos partes de um mundo só. Estamos todos juntos, mas não estamos no mesmo mundo. Você, se entrar no meu mundo, é estranho; eu, se entrar no seu, sou estranho. Você não ia me aceitar se soubesse que eu tenho passagens na polícia, e eu não ia te aceitar sabendo que você nunca roubou. Você tem um mundo e eu tenho outro mundo.

Nessa adversidade, pergunto, assim como o autor: “Qual é a natureza dessas fronteiras contraditórias que, a um só tempo, separam práticas sociais e visões de mundo antagônicas e as põem em contato, tornando possível tal diálogo?” (ARANTES, 2000, p. 106). A sua hipótese de resposta é que a experiência urbana contemporânea

propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, reconhecendo em seu conjunto as fluidas fronteiras de um lugar compartilhado.

Se bem o entendo, a natureza dessas fronteiras, dessa maneira, compreendidas como uma linha imaginária que divide, mas, que também entrelaça distintas instâncias, encontra explicação na historicidade e se perpetua na (re)produção de determinados sentidos. Ao estudar a cidade de São Paulo/SP, ele relata que, pelo processo de construção de fronteiras,

[...] ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de ‘pertencimento’” (ARANTES, 2000, p. 106, grifo do autor).

Nesse caso, com relação ao que proponho pensar, além do corpo ser suporte físico de significações e lembranças, por meio das tatuagens, as narrativas dos sujeitos torcedores materializam discursos de paixão e de orgulho quando o sujeito se identifica com um dos clubes, ou discursos de desafeto e de aversão, quando o sujeito não se identifica.

Dentre tantas narrativas, para este texto específico, busco tratar de uma memória bastante singular, revisitada por um sujeito torcedor rubro-negro há alguns anos, quando ele me contou em entrevista sobre a sua relação de afeto com o *Grêmio Esportivo Brasil* que foi materializada na própria pele, através de uma tatuagem.

Do exposto, concordo com um enunciado da obra *Identidade Xavante: livro oficial do Centenário do Grêmio Esportivo Brasil – 1911-2011*, organizado por Claudio Milton Cassal de Andrea (2011, p. 170), que enfatiza o seguinte: “[...] o maior patrimônio do Grêmio Esportivo Brasil é a sua torcida”.

O gesto de torcer pode ser entendido como as diferentes expressões, práticas e posturas de sujeitos que revelam um envolvimento emocional e social, diante de uma preferência (identificação) por um determinado time e clube. As práticas discursivas de torcedores, assim, criam e fortalecem afinidades entre os sujeitos que se identificam.

Sobre esse modo de interpelação futebolística, a leitura de uma crônica de Veríssimo (2010) sobre o futebol, no livro *Time dos Sonhos: paixão, poesia e futebol*, me faz pensar na força ideológica que perpassa esse esporte. Nessa, chamada *Infantilidades*, o cronista destaca o seguinte:

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada (VERÍSSIMO, 2010, p. 25).

Osório e Amaral (2008, p. 16), por sua vez, ao tratar da dualidade Bra-Pel, questionam: “[...] quem nunca se emocionou com uma vitória do seu time sobre o rival, seja xavante ou áureo-cerúleo? Ou, ainda, quem nunca flauteou o amigo torcedor do outro clube no dia seguinte ao jogo?”. Lembro-me que um dos torcedores reforçou que sem o Bra-Pel a cidade não teria graça, a cidade estaria “morta”.

Enfim, são sujeitos que se inscrevem na história. A respeito, não se trata de uma história do ponto de vista cronológico, isto porque importa observar não a linearidade da história, mas, o modo como ela se inscreve nos processos discursivos, nas práticas dos sujeitos. Dessa forma, interessa pensar na historicidade que reafirma a relação entre linguagem e exterioridade.

A linguagem é prática simbólica que se constitui por meio de funcionamentos em que trabalham a ideologia e o inconsciente, e que faz sentido no/pelo uso do sujeito. Enquanto sujeitos de linguagem, então, (re)produzimos saberes que são materializados em diferentes materialidades. Aqui, precisamente, trabalho com a língua, com o corpo e com a tatuagem como formas materiais do discurso. Ou seja, entendo que se o sujeito se identifica com a língua para poder dizer, ele também se identifica com o seu corpo para significar no espaço em que vive.

Nesse caso, a pele transformou-se em texto, cujos sentidos que ficam visíveis (ou não) no corpo do sujeito, não são previamente estabelecidos conforme o desenho (a arte) que é apresentado. Em outras palavras, quando estudo tatuagens, numa perspectiva analíticodiscursiva, de acordo com os pressupostos teóricos pêncheuxianos, procuro observar os modos como o sujeito se singulariza, produzindo sentidos sobre si mesmo por meio da *tattoo*.

No que tange ao meu objetivo, apresento uma narrativa de orgulho e de amor dedicada ao *Grêmio Esportivo Brasil*:

Figura 1 – Tatuagem do sujeito torcedor entrevistado



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2017).

Dentre tantas possibilidades de interpretação e de atribuição de sentidos para um distintivo clubístico, no fio de seu discurso, o sujeito torcedor enfatiza: “eu sou Brasil!”. E na sua explicação da textualização da *tattoo*, formula:

[...] o rasgar, para mim, tem um significado que remete também a minha a minha infância assim, a minha relação com o meu pai, porque o meu pai faleceu muito cedo e ele que me levou para o estádio, que sempre me acompanhava, e que, vamos dizer assim, passou a paixão dele para mim e ele sofreu um primeiro infarto há... quando ele era bem novo, em torno de 40 e poucos anos, e depois ele sofreu um segundo infarto, quando ele estava com 57 anos e aí nesse segundo infarto, ele veio a falecer, e durante todo esse tempo, todo mundo dizia para ele que ele não podia... que ele não podia é... se estressar, que ele não podia ir a futebol, ter emoções fortes, e eu era, eu estava ali numa idade pré e depois adolescência, e, mesmo assim, ele sempre foi meu companheiro de ir a jogo. Eu lembro que ele sempre me dizia que quando ele teve o infarto, quando ele sentia muita emoção, ele sentia como se tivesse rasgando assim a pele dele e aí, foi uma tentativa também de fazer uma homenagem para ele né (SUJEITO TORCEDOR, 2017, interferência da pesquisadora).

E diante dessas palavras, como dizer que é só futebol?

Uma relação de companheirismo entre pai e filho que é levada às arquibancadas, e, naquele momento do jogo, os dois dividem os mesmos sentimentos, compartilham emoções, sorriam ou choram, juntos, lado a lado. Laços que são reforçados pelo futebol. Uma memória que o Xavante proporcionou a esses dois sujeitos.

Da infância, adolescência, à vida adulta, a bola rolou. O brilho nos olhos daquele menino que ia com o seu pai vibrar pelo Brasil, aparecia para mim, quando se lembrava dos momentos que passara. O amor e a saudade que já não cabiam mais no peito, foram textualizados na tatuagem, no símbolo que sempre os uniu. As dores de um infarto também se materializaram na pele, na tentativa de um filho sentir a mesma dor do pai, e tentar amenizar essa sensação doída e de perda no que lhes trazia alegria, alento: o G. E. Brasil.

E a intensidade do seu envolvimento aumentava a cada enunciado que elaborava, manifestando o seu orgulho de pertencimento:

[...] o pessoal diz “ai, eu torço para o Brasil”, eu não, eu sou Brasil, eu... eu... o Brasil pode estar jogando a primeira, segunda, terceira divisão, pode até nem estar jogando, é para mim tem... é... é... algo... que... por ser tão significativo em relação a forma que eu comecei a torcer para o Brasil, da relação com o meu pai, de ir no estádio desde pequeno, para mim extrapola um pouco a questão só do futebol assim, eu me, eu me sinto, quando eu estou na baixada, quando eu estou com os meus amigos, com as pessoas da minha família, inclusive tem pessoas da minha família que também são Brasil, eu sinto como se fosse parte da minha família, parte é... faz parte da minha vida mesmo assim, e tem um significado político também (SUJEITO TORCEDOR, 2017, grifo do entrevistado).

Família, mais uma vez, como dizer que é só futebol?

E nos quase 30 minutos de entrevista, muitos sentidos eram movimentados nessa narrativa que trazia memórias bastante singulares de um relacionamento entre um torcedor e o seu time. E não se trata de qualquer time: é o Brasil, um time do interior, do sul do estado do Rio Grande do Sul, que enfrentou e enfrenta tamanhas dificuldades e tem peculiaridades no seu futebol e na sua torcida que só o povo pelotense sabe. O sujeito torcedor descreve:

[...] eu sou um admirador do futebol do futebol que não é moderno, do futebol artesanal, essa coisa artesanal, dos torcedores irem para o estádio e vibrar e não ficar sentado, não ficar como se estivesse no teatro, eu gosto dessa emoção toda de torcedor mesmo, de estar ali, de estar acompanhando. Então, hã... independente se o Brasil cair ou não, não é o motivo, não vou nunca me arrepende de ter tatuado a tatuagem do Brasil, até eu disse quando eu me tatuei né, que se rasgasse toda a minha pele só ia aparecer o distintivo do Brasil porque é o único time que eu torço. Então não tem, é... pode estar ganhando, pode estar perdendo, eu não vou nunca me arrepende de ter tatuado a tatuagem do Brasil (SUJEITO TORCEDOR, 2017).

Ao sujeito, há a certeza:

[...] acho que a gente tem que cuidar do corpo como a gente cuida da mente e tem que deixar gravado nele aquilo que de fato a gente é [...] acho que isso é mais do que simplesmente, ai eu quero, quero mostrar para os outro, não, eu quero que os outros saibam de fato já, de antemão, quem eu sou, então se eu tenho mais duas ou três tatuagens boladas na minha cabeça, são justamente todas elas relacionadas a situações que remetem quem de verdade eu sou e até para que eu nunca esqueça assim, para que eu nunca esqueça, para que eu quando eu me olhar e ver aquilo ali, eu lembre do meu pai, lembre da minha mãe, eu lembre da onde eu vim, de quem eu sou e o que eu quero deixar para o meu filho, o que eu quero deixar para a sociedade. E é isso! (SUJEITO TORCEDOR, 2017).

São sentidos que retomam e reforçam sentimentos e valores. Aquilo que construímos no nosso íntimo, que nos define, nos move e nos mantém vivos. Nunca é só futebol, é amor, é afeto (e alguns desafetos) e é aprendizagem. O futebol jogado em campo é apenas parte do próprio jogo. Se ele é cultura, rito, arte, esporte, celebração, competição, enfim, entendido da maneira que quiseres, ele continua a ser, mesmo assim, o tempo todo, a meu ver, uma forma institucionalizada de relação social.

Tudo o que se refere ao futebol, em campo ou fora dele, deveria contribuir para nos tornar mais humanos ou humanos melhores; e essa esperança é renovada quando o sujeito torcedor rubro-negro finaliza: “[...] o que eu quero deixar para o meu filho, o que eu quero deixar para a sociedade” (2017). Cada partida de um jogo, então, assim como cada dia de nossa vida, pode trazer-nos a esperança de um novo recomeço.

Considerações finais

Por fim, essa é apenas uma de tantas histórias que transitam pelas ruas de Pelotas e que eu tive o prazer de ouvir, de conhecer. Uma narrativa que constrói e forma a memória social do pelotense, que reforça e sinaliza sentimentos de orgulho e de pertencimento, de laços afetivos com algo singular da própria cidade.

Uma memória revisitada a cada momento que enuncia sua história, ou, também, a cada momento que expõe seu braço esquerdo com o distintivo clubístico do Xavante. Uma memória afetiva que resgata lembranças, que sustenta fielmente a torcida e que fortalece laços. Dessa maneira concebida, a narrativa pode constituir o patrimônio imaterial da cidade, pois, como bem lembra Schlee (1984, p. 09), “[...] a história do futebol pelotense, é, na verdade, a história de Pelotas neste século”.

Talvez seja possível essa relação entre memória e patrimônio imaterial quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), define como patrimônio imaterial

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (IPHAN, s.d.).

Nesse caso, o futebol em Pelotas, de acordo com a minha opinião, constitui as subjetividades dos sujeitos torcedores pelotenses e assume um papel fundamental na história dessa cidade gaúcha. Arantes (2000), como já citado, ao focalizar em seu estudo os aspectos políticos e culturais da produção social do espaço público, lembra-nos que as paisagens são criadas pelos sujeitos e, ao se tornarem referências simbólicas de tempo, de espaço e de identificação para as experiências compartilhadas socialmente, realimentam o processo histórico.

Referências

ANDREA, C. **Identidade Xavante**: livro oficial do Centenário do Grêmio Esportivo Brasil – 1991-2011. Organização de Cláudio Milton Cassal de Andrea. Pelotas: Ed. Textos, 2011.

ARANTES, A. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

ÉDER, J. **BRAPEL**: A rivalidade no sul do Rio Grande. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2010.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. **Portal do Governo Brasileiro**. s.d. Fonte: Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 30 out. 21.

OSÓRIO, S. A.; AMARAL, M. G. **A história dos Bra-Péis**. Pelotas: Editora Signus, 2008.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethânia Mariani *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SCHLEE, A. G. Prefácio a ALVES, E. de M. **O futebol em Pelotas**: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941). Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

SILVA, N. **Futebol e Ideologia**: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel. 328 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

SILVA, N. Memórias revisitadas: o orgulho e o amor de um torcedor rubro-negro materializados na pele. **Dia do Patrimônio – Pelotas/ 2021**. Memórias Culturais: revisitando modos de ser e de viver, p. 11-13, 13 a 15 ago. 2021.

SUJEITO TORCEDOR. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. [mar. 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (24:08). 1 fotografia da tatuagem.

VERÍSSIMO, L. F. Infantilidades. In: **Time dos sonhos: paixão, poesia e futebol**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 25-26.